



# Tailor Report

Relatório de Mercado

Semana 26/01 – 30/01





# Macroeconomia

No cenário internacional, a semana foi marcada por um aumento perceptível da incerteza geopolítica e comercial, que voltou a entrar no radar dos mercados. As ameaças do governo Trump de impor tarifas de até 100% ao Canadá, caso o país avance em acordos comerciais com a China, reforçaram a percepção de um ambiente externo mais protecionista e instável. Esse movimento se soma à elevação das tarifas dos EUA sobre produtos da Coreia do Sul e ao aprofundamento da cooperação entre China e Rússia, em resposta direta à nova estratégia de defesa americana.

Em paralelo, a política monetária também concentrou atenções: o Federal Reserve manteve os juros entre 3,50% e 3,75%, interrompendo o ciclo de cortes e adotando um discurso mais cauteloso, destacando inflação ainda elevada e um mercado de trabalho resiliente, porém com menor geração de vagas. A indicação de Kevin Warsh para a presidência do Fed adicionou um novo vetor de incerteza, ao levantar dúvidas sobre a independência futura da autoridade monetária americana. Esse conjunto de fatores manteve os mercados globais mais voláteis, com movimentos mistos nas bolsas, fortalecimento do dólar e maior busca por ativos de proteção ao longo da semana.

No Brasil, o pano de fundo foi relativamente mais construtivo, embora ainda cercado de cautela. O Boletim Focus mostrou nova redução nas expectativas de inflação para 2026, enquanto a prévia do IPCA veio levemente abaixo do esperado, reforçando a leitura de desaceleração gradual dos preços, especialmente fora do grupo de serviços. Nesse contexto, o Copom manteve a Selic em 15%, mas sinalizou de forma mais clara a possibilidade de início de um ciclo de cortes já no próximo encontro, condicionando a decisão à confirmação do cenário benigno para a inflação. O mercado de trabalho seguiu como um ponto de destaque positivo, com taxa de desemprego em mínima histórica e crescimento da renda sustentando o consumo, ainda que isso imponha desafios adicionais ao processo de desinflação. No câmbio, a expectativa de dólar ao redor de R\$ 5,50 reflete tanto o ambiente externo mais avesso ao risco quanto as incertezas domésticas, especialmente fiscais e políticas, à medida que o ciclo eleitoral começa a ganhar relevância.

# Mercado Sucroenergético

A semana do açúcar em NY foi marcada pela continuidade de um ambiente de baixa volatilidade e ausência de gatilhos novos capazes de alterar a dinâmica de preços. O contrato mais líquido seguiu preso ao canal lateral entre 14,50 e 15,00 c/lb, refletindo um mercado essencialmente indeciso, tanto do lado dos especuladores quanto dos agentes comerciais. Mesmo com leves oscilações diárias, a sensação predominante foi de espera, com preços reagindo pouco aos fluxos e às notícias já conhecidas.

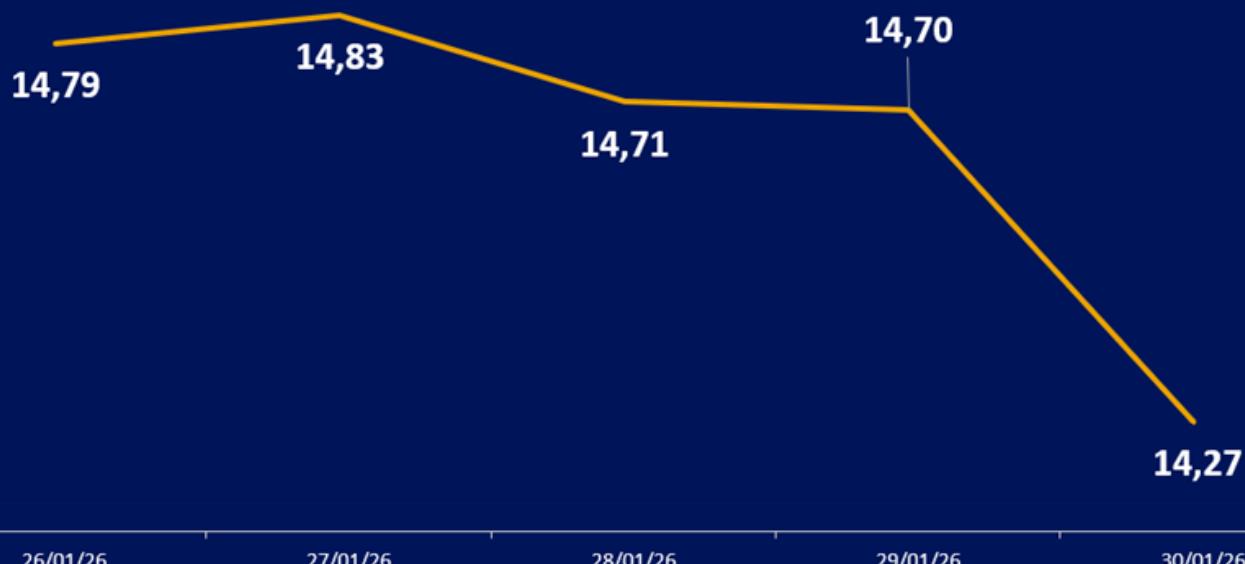
Do ponto de vista fundamental, as atenções permaneceram concentradas em três frentes principais. No Centro-Sul do Brasil, o clima segue como fator de monitoramento relevante. O acumulado de chuvas na entressafra continua abaixo da média histórica, e embora haja previsão de alguma precipitação pontual nos próximos dias, ela não é suficiente para compensar o déficit observado até aqui. Além disso, os modelos climáticos indicam anomalia negativa para o período fevereiro–março, justamente um trimestre crítico para o desenvolvimento do canavial que entra em moagem a partir de abril. Esse quadro não gera, por ora, um impacto imediato de oferta, mas adiciona um risco latente para o próximo ciclo, especialmente se a irregularidade das chuvas persistir.

Na Índia, o ritmo de moagem segue forte, com produção acumulada de açúcar significativamente acima do ano passado, o que mantém a pressão sobre os preços domésticos e reduz o apetite exportador no curto prazo. Ao mesmo tempo, surgem rumores sobre um possível encerramento antecipado da safra em estados importantes como Maharashtra e Karnataka, associados a episódios de florescimento da cana e perda de produtividade em áreas específicas.

Apesar disso, o número oficial de produção permanece elevado, e a grande incógnita segue sendo o volume efetivo de exportação. Estimativas mais conservadoras apontam para embarques abaixo da cota já aprovada pelo governo, o que gera ruído e aumenta a incerteza quanto ao fluxo indiano ao mercado internacional.

O terceiro vetor relevante veio do ambiente macro e cambial, especialmente no Brasil. A forte valorização do real, impulsionada por intenso fluxo financeiro para a B3 e pela fraqueza global do dólar, pressionou de forma direta os preços do açúcar em reais, levando as referências spot a patamares próximos das mínimas recentes. Esse movimento reforça a desconexão observada nos últimos meses entre o açúcar em NY e o câmbio, explicada tanto pelo peso do Brasil como maior produtor global quanto pelo contexto mais amplo de realocação de capital fora dos ativos americanos. No mercado doméstico, o reajuste para baixo da gasolina reforçou a pressão sobre o hidratado, afetando a paridade com o açúcar e limitando qualquer impulso mais construtivo para o mix no curto prazo.

Do lado do posicionamento, os fundos seguem com uma posição líquida vendida elevada, próxima dos maiores níveis históricos, enquanto o setor produtor continua atrasado nas fixações, reflexo de preços abaixo do custo marginal de produção. Esse descompasso ajuda a explicar a prolongada lateralização: apesar do excesso de oferta no hemisfério norte e da demanda global ainda morna, os preços atuais parecem sensíveis demais para quedas adicionais expressivas sem um novo catalisador.



## Clima & Tempo

Na semana passada, as chuvas aumentaram devido à atuação de corredores de umidade e da influência da ZCAS (Zona de Convergência do Atlântico Sul), contribuindo para a recuperação da umidade do solo, apesar da distribuição espacial irregular. Atualmente, pancadas isoladas abaixo da média alternam com períodos de calor no Centro-Sul, sustentando o desenvolvimento das lavouras. Nesta semana, a umidade amazônica continua avançando sobre o Centro-Sul, trazendo chuvas moderadas, porém em geral abaixo da média — com exceção de Mato Grosso. De forma geral, as chuvas devem ajudar a manter a umidade do solo, embora Mato Grosso do Sul e Paraná apresentem forte queda no balanço hídrico. É importante destacar que as previsões indicam volumes de chuva mais próximos das médias históricas, sinalizando melhora das condições de umidade para a entressafra, ainda que a distribuição continue irregular.

- Ambos os modelos de previsão concordam quanto à formação de um corredor de umidade intenso, que deve trazer chuvas acima da média para São Paulo, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e o sul de Goiás nos próximos dias, mas divergem de forma relevante sobre a intensidade do período seco no norte e oeste de Mato Grosso. Enquanto o GFS (americano) projeta um cenário severo, com anomalias negativas acentuadas, o ECMWF (europeu) é mais conservador, indicando uma redução de chuvas bem mais moderada para a mesma região, além de mostrar núcleos de precipitação mais concentrados no Sudeste.